

A FORMAÇÃO DISCURSIVA DO PRECONCEITO NO CIBERESPAÇO

Mirian Cristina Peres da Cruz (UEL)

A crescente presença dos computadores e das redes digitais no cotidiano das pessoas demonstra que uma evolução está deliberadamente em curso, pois o impacto que essa nova cultura vem produzindo na vida das pessoas marcará a escalada do consumo de informação no ciberespaço. Essa rede mundial que interliga milhões de computadores e de usuários populariza a concepção de ciberespaço ou espaço virtual, causando uma revolução na maneira de se conceber o tempo, o espaço e os relacionamentos humanos. O ciberespaço permite a circulação de linguagens diversas em larga escala nesse novo espaço de comunicação, em que as novas tecnologias instauram implicações inéditas para a vida social e cultural do homem. Da mesma forma, a proliferação de formações discursivas em favor do preconceito une na rede sujeitos que incitam o ódio a negros, judeus e homossexuais, produzindo um efeito de sentido de caráter discriminatório e racista. Assim, a análise desse novo espaço discursivo, o qual propicia a confluência de formações discursivas extremamente preconceituosas, faz parte das atividades do projeto CDD, A Construção da Diferença no Discurso, desenvolvido na Universidade Estadual de Londrina a partir dos pressupostos teóricos da Análise do Discurso de linha Francesa.

CONSTRUÇÃO E LEGITIMAÇÃO DE UM DIZER VERDADEIRO

Marcela Franco Fossey (UNICAMP)

A proposta deste trabalho é verificar como o discurso de divulgação científica representa o lugar de “descendência direta” do discurso científico que, segundo Maingueneau (1999), configura-se como um discurso constituinte - discursos além dos quais haveria apenas o indizível. Essa relação tão próxima reivindicada pela divulgação científica é atualizada em seus textos na forma, por exemplo, de citações, as quais são freqüentes e parecem ter uma função bem definida: situam a divulgação no interior da ciência, que lhe serve de legitimadora do seu dizer. Especificamente, voltarei a atenção nas formas em que o discurso do outro é representado nas revistas de divulgação científica Superinteressante e Pesquisa Fapesp, procurando apontar as formas de emergência do discurso do outro - a voz fundadora da ciência - e como essas formas resultam em um efeito de verdade e de representação de ciência para um público leigo.

DISCURSO, REPRESENTAÇÃO E AS RELAÇÕES INTERSEMIÓTICAS

Vânia Maria Lescano Guerra (UFMS)

A temática desse estudo é a identidade social do feminino, mostrada e construída historicamente, cuja questão axial se prende a indagações sobre em que pontos de vista é possível olhar a figura feminina por meio da comunicação midiática brasileira. Esses enfoques são estudados tendo em vista as matérias discursivas da mídia recolhidas em revistas de circulação nacional, publicadas em 2001, 2003 e 2004. Para alcançar essa meta, analisamos artigos da revista Nova e da revista Cláudia, seguindo as teorias da Análise do Discurso, de linha francesa, que consideram as práticas discursiva, histórica e social envolvidas no acontecimento discursivo. Consideramos que os textos midiáticos são construídos e organizados na inter-relação complexa de diferentes códigos e de processos sógnicos diversos. Em vista disso, as mensagens veiculadas na mídia são, na maioria das vezes, intersemióticas, já que para a sua produção concorre, segundo Santaella (1996), mais de um código. Assim, os efeitos de sentido desses textos decorrem do entrecruza-

mento signico, que confere a cada um deles estatutos semiótico-discursivos. Verificamos que os discursos divulgados pela imprensa, devido ao seu caráter multiplicador, são discursos potencialmente fundadores (ORLANDI, 2001): eles funcionam como referência básica no imaginário constitutivo do Brasil, na medida em que, por um lado, instauram a possibilidade de novos discursos e, por outro, interferem na construção do nosso cotidiano e na forma como configuramos as relações sociais e a memória.

DISCURSO: INTENÇÃO E PERCEPÇÃO

Agnaldo Sérgio de Martino (PUC-SP)

As palavras podem assumir diferentes significados em determinados contextos, a partir da intencionalidade do produtor do discurso.

A captação do sentido dependerá, no entanto, do conhecimento enciclopédico do ouvinte/leitor e da relação que este mantém com o momento da enunciação - devem considerar-se, portanto, as possíveis variações no ato da cognição, tais como: ambientação e temporalidade.

A intenção e a percepção discursivas são movimentos intrínsecos.

Nenhum discurso é neutro: a ele sempre subjaz uma carga significativa imputada pelo seu enunciador, que pode ou não ser entendida pelo ouvinte/leitor da mesma maneira. Ver-se-á, então, a denotação e a conotação como princípios de intencionalidade, remetendo o ouvinte/leitor a uma interpretação subjetiva ou objetiva do texto-discurso.

O trabalho tem como objetivo apresentar essas variações em texto conhecido do público acadêmico e as suas várias interpretações ao longo do tempo em que existe, desde a sua primeira aparição até os usos contemporâneos diários que dele se fazem.

Trata-se de discutir o problema vocabular - escolha lexical - e, conseqüentemente, os sentidos denotativo e conotativo com base na referência sócio-histórico-cultural interacionista, numa perspectiva de análise do discurso.

O estudo mostrará que o mesmo texto (falado ou escrito) re/produzido, em ambientes e momentos distintos e dirigido a um e outro públicos, tende a re/produzir efeitos diversos.

ENTRE A HOMENAGEM E A CELEBRAÇÃO: A IMPRENSA CONSTRUINDO SENTIDOS SOBRE A IMIGRAÇÃO

Tani Jacobsen Prellwitz

Estamos habituados às festas anuais que celebram a vinda dos imigrantes e que atraem tantos turistas. Questionamos, no entanto, quais são os sentidos sustentados e reiterados pela imprensa ao veicular reportagens sobre essas festividades. Qual é a “realidade” construída pela imprensa ao se referir à imigração e aos imigrantes, ou aos descendentes deles? E perguntamos mais: como os sentidos veiculados pela imprensa atualizam a memória, fazendo com o que é dito nos ressoe como a única possibilidade de dizer? A Análise do Discurso iniciada por Michel Pêcheux é a disciplina de Interpretação à qual nos filiamos. O discurso jornalístico é alvo de teorização por parte dos analistas do discurso devido às suas características peculiares. Visto por alguns como um discurso autoritário, faz parte dos discursos formulados a partir de um dos Aparelhos Ideológicos do Estado por excelência: a imprensa, que trabalha sobre sentidos institucionalizados, sobre a memória do dizer, que é o já-dito sobre o qual nossos sentidos se constroem. Esta é, então, a proposta deste trabalho: com base nos pressupostos teóricos da Análise de Discurso, refletiremos sobre o discurso jornalístico e os sentidos que são construídos por meio dele. Para tanto, analisaremos duas matérias ainda recentes, ambas veiculadas pelo jornal *Correio do Povo* no decorrer do ano de 2004.

O PARADIGMA DA GESTUALIDADE NO DISCURSO DO PODER

Luciana Kerche Cavalcante (UNESP)

O verbal sempre foi acompanhado pelo não-verbal da gestualidade; sendo esta significativa, o estudo ligando gesto e palavra ajudaria o professor na sua ação em sala de aula. Vivemos em um mundo onde a simbologia da gestualidade varia de cultura para cultura, mas a maioria dos gestos são quase universais; visamos, com o estudo de diferentes imagens, provar essa assertiva. Entendendo que os textos não-verbais, ao exercerem a função metalingüística da comunicação, definem campos semânticos que aproximam o leitor da realidade que o envolve, o presente estudo procura, segundo Bakhtin, conceber a matéria lingüística como uma parte do enunciado, concebendo a outra parte, a não-verbal, correspondendo ao contexto do enunciado. Os signos ideológicos desse texto não-verbal retratarão as diversas formas de significar a realidade. Encontraremos, pois, na gestualidade de várias personalidades, sendo as mesmas chefes de Estado ou da Igreja, extraídas de meios de comunicação em massa diversos (Correio Brasiliense, Revista Veja e Revista Época) um dialogismo, um paradigma performático, e admirá-lo, do estudo desses gestos e das suas respectivas analogias, as reações geradas no mundo social. A conclusão do estudo infere ser a gestualidade um instrumento legitimador da dominação no discurso do poder.

PRÁTICAS DISCURSIVAS DE CONSCIÊNCIA NEGATIVA

Iran Ferreira de Melo

Nossa pesquisa consiste em uma investigação sobre a construção discursiva da representação social da homossexualidade em propagandas institucionais organizadas pelo Governo Federal do Brasil, no período de 2001 a 2004, com base nos postulados da Análise do Discurso Crítica, especialmente os amparados na Teoria Social do Discurso desenvolvida por Norman Fairclough (1989a; 2001; 2003).

O desenvolvimento de nosso estudo justifica-se pela contribuição de revelar algumas estratégias discursivas que se podem demandar para construir, por meio da linguagem verbal, representações sociais de um grupo considerado, historicamente, de minoria (os homossexuais), pois acreditamos que, discursivamente, tais representações podem, bem como afirma Pedro (1997:35) “recolocar os papéis e rearranjar as relações sociais entre os participantes; podem, digamos, dar aos actores sociais papéis activos e/ou passivos”. Com essa proposta, nossa pesquisa apresenta-se com caráter político dentro de uma perspectiva de ciência explicitamente comprometida com um papel investigativo das práticas sociais.

Adotamos como escopo teórico-metodológico: os estudos da Análise Funcional da Sentença propostos por Halliday (1970; 1985), a fim de entender os mecanismos de transitividade verbal das propagandas, a partir de uma perspectiva crítica; teorias acerca dos processos de representação social e sua relação com os estudos da linguagem a partir do trabalho de Andrade (1999), Spink (1999) e Abril (2003) e os fundamentos apregoados por pesquisas referentes à homossexualidade, como as desenvolvidas por Hocquenguem (1980), Fry & MacRae (1985) e Souza (1997).

SUBJETIVIDADE E POLIFONIA NO DISCURSO DE LULA

Juliana Fogaça Sanches (UEL)

Este trabalho volta sua atenção para o discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, uma vez que tem sido alvo de muitas críticas e discussões. O objetivo é demonstrar como é constituído o sujeito Lula, bem como as formações discursivas e a polifonia que compõem os seus enunciados. Para alcançar tais objetivos, foi utilizado o aparato teórico da Escola Francesa

da Análise do Discurso, em especial os conceitos de sujeito, subjetividade, sentido, história, ideologia, formação discursiva, formação ideológica, silêncio e polifonia. Para a análise foram utilizados trechos do discurso do presidente, após a sua eleição, os quais foram retirados de jornais e revistas conceituados de todo o Brasil, como Folha de São Paulo e Veja, além do discurso que proferiu na Av. Paulista no dia em que foi eleito presidente do Brasil. Os resultados apontam que o discurso de Lula é constituído por três formações discursivas: como presidente, no lugar do poder institucionalizado, como um cidadão comum e como uma figura messiânica.